

Relato da trajetória acadêmica do Bernardino Figueiredo

Bernardino Ribeiro de Figueiredo nasceu em Belém do Pará, em 24/12/1946, e ingressou na Unicamp em abril de 1980, tendo contribuído de maneira destacada tanto para a implantação do Instituto de Geociências da Unicamp, como também seus cursos de pós-graduação a partir de 1983 e de graduação em 1998.

Sua contribuição acadêmica abrangeu todas áreas de atuação docente, como professor, pesquisador e orientador de um expressivo número de estudantes e como gestor. Como pesquisador, teve a visão e o empenho para que os resultados de suas pesquisas viessem a se transformar em políticas públicas, em vigor em nível nacional e internacional, notadamente na área de Geoquímica Ambiental e Geologia Médica. Colaborou com a implantação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e no Programa de Pós-Graduação em Geologia e Geoquímica da UFPA.

O Prof. Bernardino dedicou 39 anos de sua carreira acadêmica à Unicamp, mesmo após sua aposentadoria em 2014. Sua preocupação com a importância da interdisciplinariedade, da cooperação e da relação da universidade/sociedade é uma constante em sua trajetória.

De uma família de origem humilde, mas que valorizava a educação, Bernardino cursou o científico no renomado Colégio Estadual Paes de Carvalho, de Belém (PA). Estudava e comprava livros dando aulas particulares de matemática e física. Determinante para sua trajetória acadêmica foi sua seleção para integrar um grupo de cerca de 15 estudantes para participar de um ambicioso programa de formação de pessoal na área das Geociências. Idealizado pelo físico Carlos Alberto Dias, e coordenado pelo professor de Física daquele colégio, José Maria Fillardo Bassalo, esse programa foi responsável pela seleção dos melhores estudantes para cursarem o ensino superior na UFRJ e USP. Formava-se, assim, o que veio a ser conhecido como “o Grupo Paraense”, envolto no idealismo de conhecer melhor a Amazônia e contribuir para o bem estar da sua população.

Bernardino fez parte da terceira leva de estudantes desse grupo que, em 1965, rumou para São Paulo com dois outros colegas, para cursar graduação em Geologia na USP. As circunstâncias políticas da época, com o país sob uma ditadura militar, fariam com que alguns desses jovens estudantes paraenses não retornassem ao Pará e à Amazônia, entre eles Bernardino.

Outros, sob a liderança de Carlos Dias, se instalaram na UFBA, onde implantaram o primeiro Programa de Pós-Graduação em Geofísica no país. Outro grupo, sob a liderança de

José Seixas Lourenço, se fixou na UFPA, implantando o Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geologia e Geoquímica (PPGG).

Por sua participação no movimento estudantil (ME), um dos principais focos de resistência à ditadura militar vigente, Bernardino acabaria por ter outro destino. Eleito no final de 1967 presidente do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, foi uma liderança destacada nos eventos políticos que antecederam a edição, em dezembro de 1968, pelo governo do general Costa e Silva, do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Preso entre julho e outubro de 1968, em novembro Bernardino foi eleito para a presidência da União Estadual dos Estudantes (UEE/SP). Nessa época, Bernardino constatou que não havia condições de retornar à vida normal e aos estudos na USP. Junto com aquela que viria a se tornar sua companheira de toda vida, Leda Maria Caira Gitahy (que também havia sido presa durante o Congresso da UNE em Ibiúna, sendo alvo de perseguição por parte dos órgãos da repressão), concluíram pela impossibilidade de permanecer no Brasil e rumaram para o Chile por via terrestre em outubro de 1969.

Como muitos outros brasileiros, especialmente estudantes e professores, o casal partiu para o exílio, “num rabo de foguete” - expressão imortalizada por João Bosco e Aldir Blanc na música “O Bêbado e a Equilibrista”, gravada em 1979 na voz de Elis Regina, e que se tornou o hino da luta pela anistia dos exilados na década seguinte.

Impossibilitado de concluir o curso na Geologia da USP (que cursou até o terceiro ano), retomou-o na Universidade do Chile, país que acolheu a ele e sua companheira Leda, e onde tiveram o primeiro filho, Guilherme, em abril de 1973. Nesse período, Bernardino deu aulas de Mineralogia no curso noturno da Universidade Técnica do Estado e foi contratado pela empresa chilena de mineração ENAMI, iniciando sua carreira profissional na área de Geologia Econômica e Metalogênese, trabalhando com a exploração de depósitos de cobre de 1972 a 1973.

Em 1970 iniciava-se no Chile a curta experiência da eleição de Salvador Allende o “socialismo com liberdade”, encerrada tragicamente em 11 de setembro de 1973, com o golpe militar do general Pinochet e o assassinato de Allende. Na noite de 13 de setembro, Bernardino e Leda tiveram sua casa em Santiago invadida por militares, que prenderam toda a família. Leda e Guilherme, então com cinco meses de idade, ficariam presos por três dias, mas Bernardino seria libertado somente após 42 dias de prisão no Estádio Nacional.

Sob a proteção do Comissariado de Refugiados das Nações Unidas (ACNUR), Bernardino e família viajaram para a Suécia em novembro de 1973. Foi impossível a opção por outro país latino-americano, muitos deles também vivendo sob ditaduras militares e que colaboravam ilegalmente entre si (Operação Condor) assassinando exilados que fossem

identificados. Depois de uma estadia em um campo para refugiados no sul da Suécia, Bernardino se mudou com a família para Uppsala, onde residiram de 1973 a 1980 e onde tiveram o segundo filho, Francisco, em maio de 1977.

O doutorado na Universidade de Uppsala foi desenvolvido enquanto ministrava aulas como auxiliar de ensino na mesma universidade, ao mesmo tempo em que trabalhava, nos períodos de férias, para a empresa de mineração Boliden AB e para o Serviço Geológico da Suécia. Bernardino conseguiu ainda revalidar os estudos de graduação realizados na USP e na Universidade do Chile, obtendo em 1979 o título de Bacharel em Ciência pela Universidade de Uppsala, concluindo o doutorado no início de 1980 pela mesma universidade, orientado pelo Prof. Tom Ekstrom.

Em 1979 foi aprovada a Lei de Anistia no Brasil. As pendências de Bernardino e Leda na Justiça Militar estavam praticamente superadas. Restavam, contudo, dúvidas quanto ao comportamento dos órgãos de repressão e a segurança do casal, de resto comuns a muitos dos anistiados políticos. O motivo é que a Lei da Anistia deixou intocado o aparelho repressivo do Estado e não previu nenhuma pena aos que haviam cometido crimes sobre a égide da ditadura, incluindo torturas e assassinatos de pessoas presas pelos órgãos de repressão e que, supostamente, estariam sob custódia do Estado. Por esse motivo, e agravado à luz dos acontecimentos contemporâneos, pode-se afirmar que a ditadura militar brasileira, diferente das ditaduras de outros países latino-americanos, de fato, nunca teve um epílogo...

O regresso de Bernardino ao Brasil se deu em abril de 1980, já contratado pela Unicamp, após contatos iniciais entabulados com Amílcar Herrera. Este, por sua vez, havia sido contratado no ano anterior por Zeferino Vaz com a missão de implantar o Instituto de Geociências, previsto no estatuto da Unicamp.

Em busca de jovens talentos com quem compartilhar sua visão de um Instituto de Geociências diferenciado, o caminho de Herrera se cruzou com os de dois jovens geólogos que compartilhavam visões similares: Bernardino e Celso Pinto Ferraz. Esse grupo precursor liderado por Amílcar Herrera enfrentou um enorme e inédito desafio, que era o de criar programas de pós-graduação em áreas das Geociências até então pouco desenvolvidas no país, em condições desfavoráveis: um instituto totalmente novo, sem infraestrutura, com alguns poucos técnicos administrativos e pesquisadores, e praticamente sem docentes. E, após um grande salto em sua primeira década e meia de existência, onde contou com apoio financeiro dos governos estadual e federal para sua implantação, a Unicamp passava, no início da década de 1980, por um período de restrições financeiras.

Bernardino e Celso, apoiados por Herrera, não esmoreceram e puseram-se a reunir um pequeno núcleo de docentes, buscando pessoas no Brasil e no exterior, bem como os recursos para iniciar os cursos. A opção foi iniciar pela implantação de atividades de pesquisa e cursos de pós-graduação. O PPG em Geociências da Unicamp teve início em 1983, primeiramente com a Área de Administração e Política de Recursos Minerais e, no ano seguinte, com a área de Metalogênese. A Bernardino coube a coordenação do Programa de PPG (1983-86), bem como a coordenação da Área de Metalogênese, no qual empregou sua experiência profissional no Chile e Suécia, bem como seu doutorado na Universidade de Uppsala.

A concepção desses dois PPGs se baseou na ideia de que o Brasil, embora potencialmente rico em recursos minerais, não fazia uso pleno desse potencial em benefício da sociedade. Assim, os projetos acadêmicos dos programas tiveram por objetivo formar profissionais em nível avançado, tanto na área de exploração mineral, como também na de política e economia relacionadas ao aproveitamento dos bens minerais, voltadas a profissionais do setor público e privado. Ao mestrado seguiu-se, alguns anos depois, a criação também do doutorado nas duas áreas de concentração.

Bernardino foi representante docente eleito, primeiramente junto ao então Conselho Diretor da Unicamp e, em seguida, ao Conselho Universitário, no período entre 1987 e 1989. Nesse mesmo ano foi eleito diretor do Instituto de Geociências, cargo que exerceu até 1993.

No período 1996-1998, teve papel central na elaboração e implantação dos cursos de graduação em Ciências da Terra, nas modalidades de Geologia e Geografia, do IG-Unicamp, cujas primeiras turmas ingressaram em 1998, tendo exercido a Coordenação de Graduação entre 1997-98.

Seu concurso de livre-docente foi feito em 1997 e, no ano seguinte, foi promovido a professor-adjunto. Nesse ponto de sua carreira acadêmica, Bernardino voltou-se a um tema que há algum tempo vinha atraindo sua atenção, que são as relações entre Geociências, Meio-Ambiente e Sociedade. Com sua sólida formação em mineralogia, química mineral e geoquímica, e com um olhar sempre voltado ao futuro e ao papel das Ciências em benefício da sociedade, ele divisou a importância que essa área viria a assumir a partir, principalmente, da primeira década do século 21.

Com essa visão, elabora a obra “Minérios e Ambiente”, que foi indicada em 2001 ao Prêmio Jabuti e classificada entre os dez melhores livros na categoria “Ciências Exatas, Tecnologia e Informação”. Nessa obra, ainda atual, Bernardino aborda a importância do conhecimento detalhado das fontes de metais para a gestão dos recursos minerais com responsabilidade ambiental e social, uma visão até então pouco comum entre geocientistas.

Esse enfoque acadêmico, do qual Bernardino foi o responsável pela introdução no país, teve desdobramentos, que marcaram sua trajetória como docente e pesquisador a partir do ano 2000. O primeiro deles foi o convite que recebeu para integrar uma comissão ligada à International Union of Geological Sciences (IUGS), denominada COGEOENVIRONMENT (Geological Sciences for Environmental Planning). Nessa comissão ele atuou como coordenador para a América Latina e como representante nas reuniões anuais realizadas em 2002 no Japão (Tóquio) e na Lituânia (Vilna) em 2003.

Em 2003, participou, durante o 32nd International Geological Congress, da fundação da International Association of Medical Geology (IMGA), tornando-se um dos seus seis Councilors, além de coordenar o Brazil Chapter dessa Associação, criado um pouco depois. Em paralelo, Bernardino coordenou a montagem de uma rede nacional de pesquisas integrada por cerca de 300 participantes, voltada à temática da Geoquímica Ambiental e Geologia Médica. Essa rede deu origem ao Programa Nacional de Pesquisa em Geoquímica Ambiental e Geologia Médica (PGAGEM), desenvolvido pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM), empresa estatal ligada ao Ministério das Minas e Energia, exemplo de um projeto de pesquisa transformado em política pública em nível federal. Esse Programa passou a integrar uma ação permanente da Divisão de Gestão Territorial da CPRM, por meio do Programa de Geologia, Meio Ambiente e Saúde.

Na Unicamp, Bernardino coordenou um projeto de grande envergadura, financiado pela FAPESP, denominado “Paisagens Geoquímicas e Ambientais do Vale do Ribeira”, integrado por quinze pesquisadores das áreas de Geologia, Química, Saúde e Comunicação, de várias instituições, entre as quais o Instituto de Geociências e a Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Esse projeto, iniciado em 2002 e com duração de três anos, originou outros de temática similar, financiados por FAPESP, CNPq e CAPES e aos quais Bernardino se dedicou até 2019.

Em 2002, Bernardino foi indicado Diretor Presidente da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp) pelo reitor da Unicamp, cargo que ocupou até 2005. Também atuou como Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM) da Unicamp entre 2007 e 2009.

Em 2005 foi aprovado em concurso público para o cargo de Professor Titular do Instituto de Geociências da Unicamp.

A preocupação com a Amazônia foi uma constante em toda a sua trajetória mantendo por décadas profícua interação acadêmica com o PPGG da UFPA. Com a criação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sediada em Santarém (PA), em 2010, Bernardino foi convidado pelo reitor, e também seu companheiro do “Grupo Paraense” de

estudantes do Colégio Paes de Carvalho em Belém, José Seixas Lourenço, para auxiliar na implantação do Instituto de Engenharia e Geociências (IEG) e dos cursos de graduação em Geologia e Geofísica. Nestes, a inovação implementada por Bernardino foi a de incluir, além das disciplinas regulares dos currículos desses cursos de Geociências, também a formação em conteúdos complementares, relacionados às ciências humanas, linguagem e informática. Segundo sua visão, trata-se de ampliar a formação profissional voltada não somente às áreas técnicas específicas, mas também na formação de cidadãos aptos a analisar a realidade brasileira e o contexto internacional. Bernardino permaneceu como Professor Visitante da UFOPA até 2014. Participou também da implantação do Doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento da UFOPA, o primeiro doutorado dessa Universidade.

Ao longo de sua carreira o Prof. Bernardino atuou na formação de 22 mestres, 9 doutores e dois pesquisadores pós-doutores, orientou diversos alunos em projetos de iniciação científica e apresentou dezenas de trabalhos em eventos científicos nacionais e internacionais. Suas pesquisas foram objeto de 60 artigos publicados em periódicos, 4 livros e 23 capítulos de livros. Realizou estágios como professor visitante junto à Universidade de Uppsala (1988) e visitas para desenvolvimento de pesquisas em colaboração junto às universidades de Helsinki (Finlândia), Southampton e Brighton (Reino Unido), Buenos Aires (Argentina) e Federal do Pará.

Sua contribuição acadêmica foi destacada pela Unicamp por meio da concessão do Prêmio de Reconhecimento Acadêmico “Zeferino Vaz”, com o qual Bernardino foi agraciado por duas vezes, em 1997 e em 2006.

Esta breve descrição mostra a importância, abrangência e o volume das contribuições dadas às Geociências pelo **Prof. Bernardino Ribeiro de Figueiredo**, e à Unicamp em particular. Uma trajetória acadêmica, profissional e pessoal que representa um modelo inspirador aos atuais e futuros docentes da Unicamp e de outras universidades públicas brasileiras, tornando-o, sem dúvida, merecedor do título de Professor Emérito da Universidade Estadual de Campinas.

Cidade Universitária Zeferino Vaz, 05 de julho de 2021

Prof. Dr. Alvaro Penteado Crósta



Prof. Dr. Carlos Roberto de Souza Filho



Profa. Dra. Jacinta Enzweler

